

O índice cefálico em rapazes portugueses dos 7 aos 13 anos

POR

LEOPOLDINA FERREIRA PAULO

Como pretendemos analisar o crescimento da criança portuguesa, vamos por agora encarar as modificações relativas ao diâmetro ântero-posterior máximo da cabeça, diâmetro transverso-máximo e índice cefálico, em crianças dos 7 aos 13 anos inclusive.

A técnica utilizada na determinação destes dois diâmetros fundamentais, foi a indicada por R. MARTIN, no seu tratado de Antropologia.

As observações foram colhidas por mim e por algumas alunas que frequentaram a cadeira de Antropologia, nos anos de 1950 a 1954, as Ex.^{mas} Senhoras D. MARIA ANTÓNIA MOTA FREITAS, MARIA FERNANDA GUITART PINTO, MARIA PERPÉTUA DA SILVA PÓVOAS, e pelos Senhores HIPÓLITO DE CARVALHO e SÍLVIO RIBEIRO, a quem muito desejo neste momento, louvar e agradecer.

Foram observadas 850 crianças do sexo masculino do distrito do Porto e agrupadas segundo as suas idades, formaram-se 7 grupos, aos quais correspondem às seguintes crianças:

7 anos	130
8 »	200
9 »	80
10 »	100
11 »	110
12 »	160
13 »	70
Total	<u>850</u>

O processo mais rigoroso, seria realizar estas observações através do desenvolvimento do mesmo grupo de crianças, mas não nos tem

sido possível até hoje, acompanhar o crescimento relativo, de cada um dos grupos.

Em primeiro lugar, vamos encarar as medidas absolutas que constituem o índice cefálico, e relacioná-las com os valores médios já apresentados por outros investigadores. Depois passaremos à análise dos valores médios do índice cefálico, em cada um dos grupos de idades, e também estabeleceremos comparações com os resultados de trabalhos efectuados noutros países.

Diâmetro ântero-posterior máximo da cabeça

As séries obtidas nas diferentes idades, apresentaram uma amplitude de variação aproximadamente idêntica, como se verifica no quadro I.

QUADRO I

Diâmetro ântero-posterior máximo da cabeça em crianças do sexo masculino

Idades (anos)	Número de casos	Amplitude de variação	Média	Desvio padrão
7	130	188-152	174,86 ± 0,68	7,80 ± 0,48
8	200	189-159	175,64 ± 0,49	6,99 ± 0,35
9	80	198-165	178 10 ± 0,81	7,08 ± 0,56
10	100	197-162	178,34 ± 0,75	7,56 ± 0,53
11	110	196-160	179,42 ± 0,70	7,35 ± 0,51
12	160	194-159	179,66 ± 0,56	7,14 ± 0,40
13	70	198-165	181,40 ± 0,92	7,80 ± 0,66

A menor variação localizou-se nos 8 anos (30), e a mais elevada verificou-se nos 7 e 11 anos (36).

Quanto aos valores médios, estes vão aumentando gradualmente dos 7 aos 13 anos (174,86 a 181,40). Pode-se no entanto verificar que nas crianças dos 9 e 10 anos, assim como nas de 11 e 12 anos, se manteve um certo estacionamento nos valores médios deste diâmetro.

A semelhança dos valores dos desvios padrões, mostra, que a variabilidade nos diferentes grupos de idades, se representa com a mesma intensidade. Em quase todas as séries, a distribuição das frequências, aproxima-se da curva normal, sendo todas do tipo unimodal.

Duma maneira geral, a média cai dentro da classe modal, como se verifica nos grupos dos 8, 10 e 11 anos. Localiza-se na classe imediatamente inferior, nos grupos dos 9, 12 e 13 anos, e na classe imediatamente superior apenas se observou no grupo dos 7 anos.

Confrontem-se agora, os nossos resultados com os publicados por alguns antropologistas no estrangeiro, em crianças dos 7 aos 13 anos.

Elaborou-se para maior facilidade de confronto, um quadro (quadro II), onde se reuniram as médias relativas ao diâmetro ântero-posterior máximo da cabeça, de crianças de alguns países da Europa, da América do Norte e do Sul.

A análise destes valores, nas crianças dos 7 anos, permite verificar, que as crianças portuguesas têm uma posição mais aproximada dos valores inferiores, como os fornecidos por RÖSE em suecos e alemães, que dos superiores, apresentado por WEST, em americanos brancos de Worcester.

São os rapazes suíços de SCHWERZ e os luso-descendentes do Distrito Federal do Rio de Janeiro, de MARIA J. POURCHET, que ladeiam inferiormente os portugueses. Superiormente, essa aproximação dá-se com os suíços de O. PETER.

Como no grupo dos 7 anos, as crianças de 8 anos, avizinham-se dos valores inferiores, que aqui são registados nos suíços de SCHAUFFHAUSEN e suíços e alemães de RÖSE. São as crianças de HÄGLER que, por excesso, mais se aproximam das crianças portuguesas, e os suíços de STALDER, os luso-descendentes do Distrito Federal de M. POURCHET, por defeito.

As crianças portuguesas de 9 anos, assim como em todos os outros grupos, já se afastam dos valores inferiores. As médias extremas nesta idade, são fornecidas pelos Luso-descendentes de M. POURCHET e pelos suíços de BÜCHI.

Enquanto que nos dois primeiros grupos de idades (7 e 8 anos), os portugueses eram vizinhos dos luso-descendentes brasileiros, neste grupo acentua-se um forte afastamento dos valores médios. São agora as crianças portuguesas de 9 anos, vizinhas dos alemães de Reuteur e dos suíços de Hägler.

Aos 10 anos, os rapazes portugueses mostram um valor médio muito pouco distinto do valor médio dos 9 anos, e com uma posição quase equidistante dos extremos, sendo o menor valor, dado pelos alemães de RÖSE, e o maior registado pelos suíços de Berne de STALDER. Novamente se verifica, que os luso-descendentes do Distrito Federal do Brasil, se avizinham dos portugueses, assim como os cariocas de

QUADRO II

Diâmetro ântero-posterior máximo da cabeça em rapazes dos 7 aos 13 anos

Idades — anos	7	8	9	10	11	12	13
<i>Hrdlicka</i> (1898)							
New-York	—	176,0	177,0	177,0	180,0	179,0	181,0
<i>Röse</i>							
Suecos e Alemães. .	172,9	174,0	175,4	176,4	177,3	178,6	179,4
<i>Röse</i>							
Dresden	—	—	—	173,6	174,5	175,6	176,9
<i>Hoesch-Ernst</i> (1906)							
Zürich	—	178,0/177,0	177,0/179,0	178,0	179,0	183,0/182,0	180,0
<i>Schwerz</i> (1910)							
Schaffhauser . . .	174,0	174,0	177,0	177,0	177,0	179,0	180,0
<i>O. Ranke</i>							
Holstein	178,0	178,0	180,0	181,0	183,0	182,0	183,0
<i>Reuter</i>							
Hinter-pommern . .	177,0	178,2	178,0	178,0	179,5	180,7	181,2
<i>West</i>							
Americanos brancos de Worcester . . .	179,0	180,0	181,0	182,0	183,0	183,0	184,0
<i>Bosshart</i> (1938)							
Frutigtal	173,5	176,6	177,8	179,8	179,1	180,0	182,7
<i>E. Büchi</i> (1942)							
St. Gallen	177,4	178,1	181,9	179,1	184,0	183,7	183,5
<i>Stalder</i> (1941-43)							
Berne	—	175,0	179,7	183,8	183,4	182,8	184,7
<i>O. Peter</i> (1946)							
Sernftal	175,8	174,2	177,5	179,4	178,3	184,1	183,8
<i>Hägler</i>							
Tavetsch	177,0	175,9	178,6	177,4	183,5	178,8	182,0
<i>Germano Correia</i>							
Luso-descendentes de Nova Goa	—	—	—	177,0	179,0	180,0	180,0
<i>Bastos d'Ávila</i>							
Cariocas	176,0	176,0	177,0	178,0	179,0	182,0	182,0
<i>Maria Júlia Pourchet</i> (1955)							
Luso-descendentes do Distrito Federal . .	174,0	175,0	173,0	178,0	179,0	181,0	183,0
<i>L. Paulo</i> (1958)							
Portugueses do norte .	174,8	175,6	178,1	178,3	179,4	179,2	181,4

BASTOS D'ÁVILA e os alemães de Reuter, encontrando-se os suíços de Frutigal, situados superiormente.

No grupo dos 11 anos, os nossos rapazes localizam-se mais perto dos valores inferiores. A média mais baixa pertence aos alemães de Dresden e a mais alta aos suíços de Hägler, ficando os nossos resultados situados entre os luso-descendentes de M. POURCHET e suíços de Bosshart e os alemães de Reuter.

Os rapazes portugueses de 12 anos mostram uma média do comprimento ântero-posterior da cabeça, muito idêntica à média dos 11 anos. Na idade dos 12 anos, são os alemães de Dresden de RÖSE e os suíços de OTTO PETER que têm posições mais extremas. São os americanos de HRDLICKA, os suíços de SCHAFFHAUSEN e os suíços de BOSSHART, assim como os luso-descendentes de Nova Goa, que mais se aproximam dos portugueses nesta idade.

No grupo dos 13 anos encontram-se os valores extremos nos alemães de RÖSE e nos suíços de STALDER. Aqui, os portugueses situam-se entre os alemães de Reuter, os cariocas de BASTOS D'ÁVILA e os suíços de HÄGLER.

Podemos concluir duma maneira geral, que são as crianças suecas e as alemãs de RÖSE, que, com excepção das dos nove anos, apresentam os menores valores médios do diâmetro ântero-posterior, e que os rapazes portugueses se aproximam mais dos luso-descendentes do Distrito Federal, do que dos de qualquer outro país, muito especialmente aos 7, 8, 10 e 11 anos. Nos 7 e 8 anos registam-se nos americanos brancos de WEST, os maiores diâmetros ântero-posteriores, e nos restantes grupos de idades, são os suíços que apresentam os valores máximos.

Diâmetro transverso máximo da cabeça

Registaram-se no quadro III, os valores por nós obtidos nos diferentes grupos de idades. A análise destes valores, leva-nos a dizer que em todos os grupos se regista uma idêntica amplitude de variação, facto já encontrado no diâmetro ântero-posterior máximo da cabeça. A mais baixa amplitude (25) encontra-se nos 9 e 13 anos, localizando-se a mais elevada (33), aos 12 anos.

Embora os valores médios se elevem dos 7 aos 13 anos, esta subida, não é tão acentuada como aquela que se verificou no diâmetro ântero-posterior. Este facto, deve talvez estar relacionado com o marcado desenvolvimento da largura craniana, que se verifica nas primeiras

idades, não levando por essa razão, a um aumento tão acentuado, do diâmetro transversal máximo, como aquele que se deve manifestar, no diâmetro ântero-posterior. As diferenças entre as médias dos 7 aos 13 anos, no diâmetro transversal, apenas é de 2,74, ao passo que, o diâmetro ântero-posterior máximo, atingiu o valor de 6,54. Esta desigual subida, das médias relativas aos dois diâmetros, pode avaliar-se facilmente no gráfico I. Estão aqui, representados os dois polígonos de variação, construídos com os valores médios dos diâmetros ântero-posterior e transversal máximos da cabeça, de crianças portuguesas dos 7 aos 13 anos. Não se verifica entre as variações destes dois diâmetros um paralelismo. O polígono relativo ao diâmetro ântero-posterior, evidencia bem, uma tendência a uma contínua e elevada subida dos valores deste diâmetro, ao passo que, o polígono relativo ao diâmetro transversal nos mostra, pelo contrário, uma tendência para um estacionamento de valores.

QUADRO III

Diâmetro transversal máximo da cabeça em crianças do sexo masculino

Idades (anos)	Número de casos	Amplitude de variação	Média	Desvio padrão
7	130	150-121	135,70 ± 0,49	5,62 ± 0,31
8	200	150-121	136,22 ± 0,41	5,79 ± 0,31
9	80	151-126	137,24 ± 0,44	4,92 ± 0,32
10	100	151-126	137,86 ± 0,50	5,02 ± 0,35
11	110	153-125	137,88 ± 0,52	5,52 ± 0,41
12	160	154-121	137,78 ± 0,42	5,80 ± 0,32
13	70	151-126	138,44 ± 0,71	5,12 ± 0,44

A distribuição das frequências nas diferentes séries, embora não apresentem um aspecto tão regular, como no diâmetro ântero-posterior, mostram mesmo assim, uma tendência para a curva normal, predominando a distribuição unimodal.

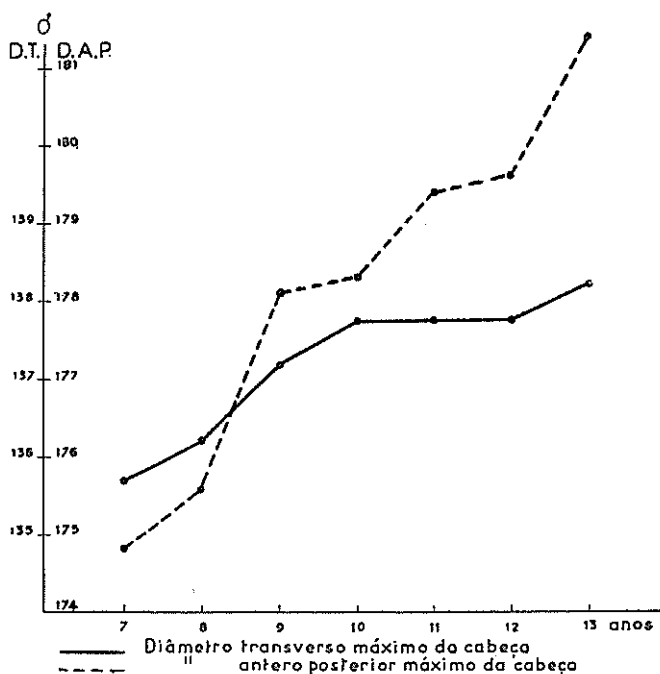
Os valores dos índices de variabilidade, embora menores, são também aqui bastante aproximados.

Analisando o quadro IV, onde foram reunidos alguns resultados apresentados por outros investigadores, logo nos é chamada a atenção, para a posição inferior, que tomam as médias dos diâmetros transversos dos rapazes portugueses. Em todas as idades são as nossas

médias, as mais baixas. Devemos entretanto chamar a atenção, para o facto de que, a maior parte das crianças que entram no nosso confronto, são oriundas da Europa Central e Setentrional, com excepção dos elementos estudados por GERMANO CORREIA, MARIA JÚLIA POURCHET e BASTOS D'ÁVILA. Os dois primeiros, estudaram crianças descendentes de lusitanos, residentes respectivamente em Nova Goa e Distrito Federal do Brasil.

GRÁFICO I

Representação gráfica dos diâmetros transverso e ântero-posterior máximos da cabeça em rapazes dos 7 aos 13 anos



Observa-se que os valores de M. POURCHET, se aproximam dos nossos resultados, assim como os de BASTOS D'ÁVILA, destacando-se estes três grupos, de todos os outros grupos.

Os elementos fornecidos por GERMANO CORREIA, já não se manifestam da mesma forma. Esta falta de concordância dos valores relativos aos luso-descendentes de Nova Goa, talvez se possa atribuir a uma diferença de técnica, na colheita das observações.

Torna-se ainda frisante, a aproximação dos nossos valores dos apresentados por BASTOS D'ÁVILA, em crianças cariocas.

QUADRO IV

Diâmetro transverso máximo da cabeça em rapazes dos 7 aos 13 anos

Idades — anos	7	8	9	10	11	12	13
<i>Hrdlicka</i> (1898)							
New-York	—	143,0	143,0	144,0	144,0	145,0	146,0
<i>Röse</i>							
Suecos e alemães . .	146,7	147,3	147,9	148,6	149,2	149,8	150,6
<i>Röse</i>							
Dresden	—	—	—	151,2	151,4	151,7	153,5
<i>Hoesch-Ernst</i> (1906)							
Zürich	—	148,0/146,0	149,0	148,0/149,0	149,0	149,0	149,0
<i>Schwerz</i> (1910)							
Schaffhauser	146,0	147,0	148,0	149,0	149,0	149,0	149,0
<i>O. Ranke</i>							
Holstein.	149,0	148,0	149,0	149,0	150,0	150,0	150,0
<i>Reuter</i>							
Hinter-pommern . .	147,5	148,9	149,1	149,5	149,1	150,6	150,5
<i>West</i>							
Americanos brancos de Worcester	142,0	143,0	144,0	145,0	144,0	145,0	147,0
<i>Bosshart</i> (1938)							
Frutigtal	143,83	145,09	144,97	144,26	145,86	146,73	146,93
<i>E. Büchi</i> (1942)							
St. Gallen	145,70	145,15	147,00	146,65	147,26	148,04	149,62
<i>Stalder</i> (1941-43)							
Berne	—	143,8	141,3	147,3	144,5	145,8	148,1
<i>O. Peter</i> (1946)							
Sernftal	145,54	143,00	146,93	150,20	145,43	146,12	148,82
<i>Hägler</i>							
Tavetsch	148,7	140,3	143,8	144,7	148,0	147,0	150,50
<i>Germano Correia</i>							
Luso-descendentes de Nova Goa	—	—	—	143,0	144,0	143,0	144,0
<i>Bastos d'Ávila</i>							
Cariocas	138,0	139,0	139,0	139,0	140,0	140,0	141,0
<i>Maria Júlia Pourchet</i> (1955)							
Luso-descendentes do Distrito Federal . .	137,0	139,0	141,0	141,0	141,2	141,0	142,0
<i>L. Paulo</i> (1958)							
Portugueses do norte .	135,70	136,22	137,24	137,86	137,88	137,78	138,44

Só nos da idade dos 7 anos, os nossos resultados estão mais próximos dos de POURCHET; no grupo seguinte encontram-se igualmente distantes dos de POURCHET e BASTOS D'ÁVILA, e dos 9 aos 13 anos a aproximação é mais marcada em relação às crianças cariocas.

Duma maneira geral são as médias das crianças alemãs de RÄNKE aos 7 anos, das alemãs de Reuter aos 8 e 9 anos e nas alemãs de Dresden aos 10, 11, 12 e 13 anos, que apresentam os valores mais elevados do diâmetro transversal máximo da cabeça e que mais se afastam das nossas médias.

Estes baixos valores médios do diâmetro transversal evidenciados nas crianças portuguesas, vamos encontrá-los reflectidos mais tarde, ao tratarmos do índice cefálico.

Índice cefálico

Tem este índice, como se sabe, uma importância fundamental nos estudos antropológicos. Permite obter uma ideia da forma da cabeça quando relacionámos os diâmetros transverso e ântero-posterior máximos entre si.

Na tabela V estão distribuídos os resultados obtidos, nas diferentes idades, agora em estudo. Em todas as 8 séries organizadas para

QUADRO V

Índice cefálico em crianças do sexo masculino

Idades anos	Número de casos	Amplitude de variação	Média	Desvio padrão
7	130	86,2-70,1	78,49 ± 0,32	3,48 ± 0,22
8	200	90,0-69,7	77,63 ± 0,28	4,01 ± 0,21
9	80	85,0-68,1	77,58 ± 0,41	3,69 ± 0,28
10	100	87,0-69,7	77,50 ± 0,34	3,41 ± 0,23
11	110	87,0-68,2	76,82 ± 0,35	3,67 ± 0,25
12	160	86,7-69,2	76,86 ± 0,29	3,71 ± 0,21
13	70	84,4-70,1	76,82 ± 0,37	3,11 ± 0,26

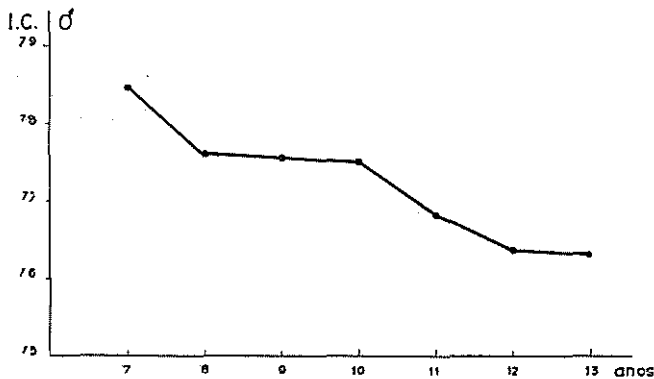
os cálculos das médias e desvios padrões, verificou-se uma amplitude máxima de 20,3, localizada nos 8 anos e a mínima igual a 14,3 aos 13 anos. A distribuição das frequências aproxima-se do tipo da curva normal nos grupos dos 7 e 12 anos e apresenta-se um pouco assimétrica nas outras idades.

Em todos os grupos de idades, as diferenças encontradas entre os valores dos índices de variabilidade, é apenas de algumas décimas. O menor desvio (3,11) localiza-se nos 13 anos e o mais elevado (4,01) nos 8 anos.

Quanto aos valores médios do índice cefálico, estes variam em sentido contrário à idade. Nos 7 anos encontra-se o maior índice cefálico (78,49), verificando-se o valor mínimo (76,32) nos 13 anos. Há, portanto, aqui uma tendência para os baixos valores do índice cefálico, à medida que a idade aumenta. Esta descida de valores, foi já esboçada, no estudo do diâmetro transverso da cabeça.

GRÁFICO II

Representação gráfica do índice cefálico em rapazes dos 7 aos 13 anos



O gráfico II põe-nos em evidência esta descida das médias nos diferentes grupos de idade, que é mais acentuada até aos 12 anos, manifestando em seguida, uma tendência para um estacionamento de valores. Este facto pode levar-nos a dizer, que o índice cefálico nas crianças portuguesas só a partir dos 12 anos inicia o seu carácter definitivo.

Analizados os nossos resultados, procurou-se reunir no quadro IV algumas médias do índice cefálico de crianças do sexo masculino, dos 7 aos 13 anos, calculadas por outros investigadores, no estrangeiro.

Dá-se aqui, o mesmo que se registou na largura máxima da cabeça. As crianças portuguesas, ao longo das idades em estudo, apresentam um índice cefálico inferior aos índices cefálicos das crianças dos países aqui considerados. São os suíços de SCHAPFHAUSER,

que, com excepção dos 7 e 9 anos, mostram o índice mais elevado. Mais uma vez, os nossos resultados se aproximam dos fornecidos por M. POURCHET, relativos aos luso-descendentes do Distrito Federal. É no grupo dos 12 anos, que esta aproximação mais se acentua. A seguir aos valores de POURCHET vêm as crianças luso-descendentes de Nova Goa.

QUADRO VI

Índice cefálico em rapazes dos 7 aos 13 anos

Idades — anos	7	8	9	10	11	12	13
<i>Hoesch-Ernst</i>							
Zürick	—	82,90	83,40	83,50	83,20	83,20	82,80
<i>Schwerz</i>							
Schaffhauser	84,10	84,50	83,50	84,40	83,80	83,20	83,30
<i>Bosshart</i>							
Frutigtal	82,96	82,17	81,56	80,22	81,54	81,59	80,53
<i>O. Peter</i>							
Sernftal	81,96	83,41	82,77	83,71	81,55	79,41	81,26
<i>E. Büchi</i>							
St. Gallen	82,14	81,58	80,83	81,92	80,08	80,60	81,64
<i>Hägler</i>							
Tavetsch	84,30	79,80	80,60	81,60	78,60	82,30	82,70
<i>Germano Correia</i>							
Luso-descendentes de Nova Goa	—	—	—	80,70	80,00	79,40	80,00
<i>M. Júlia Pourchet</i>							
Luso-descendentes do Distrito Federal	—	—	—	79,20	78,50	77,40	78,50
<i>L. Paulo</i>							
Portugueses do norte	78,49	77,63	77,58	77,50	76,82	76,36	76,36

Nos grupos dos 7, 8 e 10 anos, são os suíços de HÄGLER e SCHWERZ que apresentam os índices mais elevados. São os suíços e os portugueses que registam respectivamente os mais altos e mais baixos valores do índice cefálico.

Baseados na classificação de Martin para o índice cefálico no

estudo no vivo, procurou-se avaliar a distribuição percentual, das crianças portuguesas, dentro dos três tipos clássicos deste índice.

Dolicocefalia	x — 75,9
Mesocefalia	76,0 — 80,9
Braquicefalia	81,0 — x

Organizámos para isso um quadro (VII) em que se procuraram calcular as percentagens e seus respectivos erros, relativas às frequências, segundo a classificação de MARTIN.

Os valores registados permitem desde logo, poder dizer que, através do desenvolvimento, dos 7 aos 13 anos no índice cefálico há um predomínio de mesocefalia. Este facto verifica-se em todas as idades, com excepção do grupo dos 12 anos. A maior percentagem de mesocefalia situa-se nos sete anos (53,1 %), para logo começar a descer, apresentando aos 8 anos 43,5 % e aos nove anos 42,5 %. Aos 10 anos novamente se eleva para 49,0 %, nunca mais chegando a atingir este valor.

Se exceptuarmos os grupos dos 10 e 13 anos, vemos que a mesocefalia tende a baixar à medida que, a criança vai atingindo o seu desenvolvimento.

Na braquicefalia há também uma descida nos valores percentuais, e no mesmo sentido em que se dá a descida na mesocefalia, com excepção dos 7 e 11 anos.

Quanto à dolicocefalia, esta vai-se acentuando à medida que vamos subindo na idade. Aos sete anos a percentagem é de 34,6 %; apresenta-se superior à dos 8 anos (31,0 %), mas a partir desta idade, a dolicocefalia vai-se elevando, atingindo um valor de 51,5 %, valor este, superior ao da mesocefalia, na mesma idade.

O gráfico III deixa verificar rapidamente estas variações de dolicocefalia, mesocefalia e braquicefalia, no conjunto das idades, agora em estudo.

Desejando confrontar os nossos resultados com os registados por outros investigadores, tivemos de atender às classificações do índice cefálico adoptadas nos diferentes trabalhos, que vão servir para a comparação.

QUADRO VII

Classificação do índice cefálico nos rapazes dos 7 aos 13 anos de idade segundo Martin

Idades — anos Índice cefálico	7	8	9	10	11	12	13	Total
Dolicocéfalos (X — 75,9)	34,6 ± 4,18	31,0 ± 3,24	37,5 ± 3,54	41,0 ± 4,90	41,8 ± 4,67	50,6 ± 3,95	51,5 ± 5,85	40,2 ± 1,68
Mesocéfalos (76,0 — 80,9)	53,1 ± 4,36	43,5 ± 3,52	42,5 ± 5,48	49,0 ± 5,00	45,4 ± 4,74	39,9 ± 3,87	44,2 ± 5,94	44,2 ± 1,71
Braquicéfalos (81,0 — X)	12,3 ± 3,13	25,5 ± 3,06	20,0 ± 4,47	10,0 ± 3,00	12,8 ± 3,41	9,5 ± 2,37	4,3 ± 2,60	15,4 ± 1,23
Número total de casos	130	200	80	100	110	160	70	850

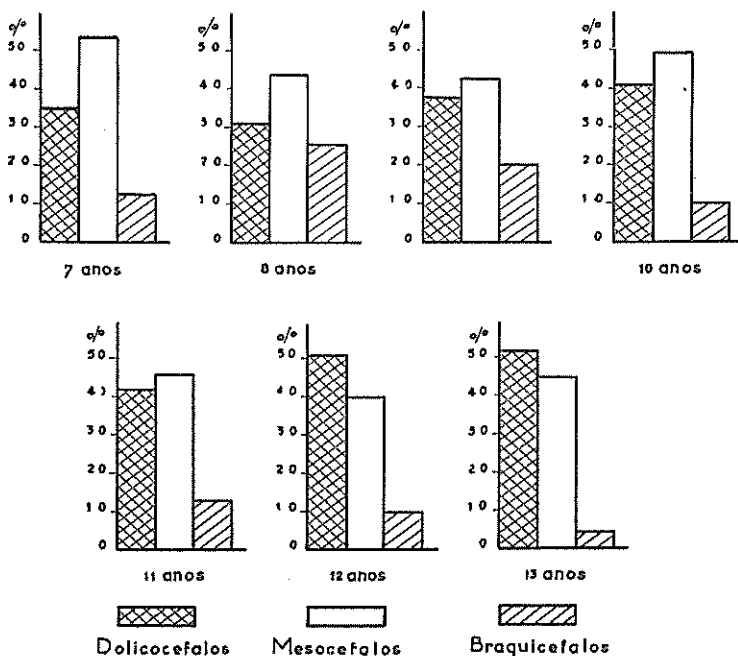
As classificações consideradas foram fundamentalmente as de MARTIN e de TOPINARD, cujos limites são respectivamente:

Dolicocefalia . . .	x — 76,9	x — 75,9
Mesocefalia . . .	77,0 — 81,9	76,0 — 80,9
Braquicefalia . . .	82,0 — x	81,0 — x

Não se torna indiferente a aplicação destas duas escalas, e muito especialmente em Portugal. O valor médio do índice cefálico nos por-

GRÁFICO III

Representação da dolicocefalia, mesocefalia e braquicefalia em rapazes de 7 aos 13 anos



tugueses oscila entre os 75 e 77 inclusive; deste facto, quando se utiliza a escala de TOPINARD, há um predomínio de dolicocefalia e uma baixa de mesocefalia, o que não se manifesta da mesma forma quando se emprega a classificação de MARTIN, como se analisa no quadro VIII. Hoje, há tendência para aplicar a escala de MARTIN. Nem todos os

QUADRO VIII

Classificação do índice cefálico nos rapazes dos 7 aos 13 anos de idade segundo Topinard

Idades — anos Índice cefálico	7	8	9	10	11	12	13	Total
Dolicocefalos (X — 76,9)	51,4 ± 4,38	38,4 ± 3,46	43,7 ± 6,22	55,0 ± 4,98	53,6 ± 4,75	57,5 ± 3,87	64,3 ± 5,71	50,6 ± 1,71
Mesocéfalos (77,0 — 81,9)	38,6 ± 4,29	40,5 ± 3,46	41,3 ± 5,46	37,0 ± 4,90	39,1 ± 4,67	34,3 ± 3,78	32,8 ± 5,71	37,9 ± 1,68
Braquicéfalos (82,0 — X)	10,0 ± 2,68	21,4 ± 2,83	15,0 ± 4,10	8,0 ± 3,00	7,3 ± 2,07	8,2 ± 2,37	2,9 ± 1,80	11,5 ± 1,03
Número total de casos	180	200	80	100	110	160	70	850

trabalhos já realizados puderam ser encarados neste confronto, devido a não ter sido indicada pelo autor, a escala adoptada.

Segundo a classificação de MARTIN, reuniram-se no quadro IX os valores de BASTOS D'ÁVILA e de M. POURCHET, relativos a crianças brasileiras dos 7 aos 13 anos.

Nas crianças de Portugal e nos luso-descendentes de POURCHET, há um predomínio de mesocefalia, sendo esta mais elevada nos descendentes dos portugueses (47,9 %), do que nos portugueses (44,2 %). Quanto à dolicocefalia, esta é mais acentuada nas crianças de Portugal (40,2 %), do que nos luso-descendentes do Brasil (25,5 %). O con-

QUADRO IX

Classificação do índice cefálico seg. Martin	M. Júlia Pourchet (Luso-descendentes do Dist. Federal)	Bastos d'Ávila (Cariocas)	L. Paulo (portugueses)
Dolicocefalos (x ——— 75,9)	25,5	14,5	40,2
Mesocéfalos (76,0 ——— 80,9)	47,9	44,6	44,2
Braquicéfalos (81,0 ——— x)	26,8	40,8	15,4

trário verifica-se quanto à braquicefalia. Os valores percentuais das crianças cariocas do Brasil, afastam-se marcadamente dos das portuguesas e das luso-descendentes. É frisante a elevada braquicefalia das crianças brasileiras de BASTOS D'ÁVILA, e as baixas percentagens de dolicocefalos.

Há entre estes três grupos do quadro IX, um maior paralelismo nos valores percentuais dos luso-descendentes e portugueses, do que entre as crianças cariocas e os portugueses.

Nesta singela comparação de valores, verifica-se a tendência das crianças portuguesas, já para a manifesta dolicocefalia portuguesa, facto já registado pelos antropologistas portugueses nos seus trabalhos.

Para finalizarmos este estudo, procuramos ainda relacionar os nossos dados, com os já apresentados por eminentes antropologistas portugueses, os Profs. MENDES CORRÊA e E. TAMAGNINI, em adultos de Portugal.

Procurou-se classificar as crianças portuguesas segundo a escala seguida por aqueles autores, e organizou-se o quadro X, segundo a classificação de TOPINARD.

As crianças portuguesas mostram agora um predomínio de dolicocefalia (50,6 %); seguindo-se a mesocefalia (37,9 %), e finalmente a braquicefalia (11,5 %). Deu-se aqui, uma subida de dolicocefalos à custa da descida dos mesocéfalos e braquicéfalos. Há um paralelismo

QUADRO X

Classificação do índice cefálico segundo Topinard	Mendes Corrêa	E. Tamagnini	L. Paulo	
Dolicocéfalos {	Dolic. verdadeiros (x ——— 75,0)	% 71,0	% 53,33	% 50,6
	Sub-dolicocéfalos (75,01 ——— 77,77)	20,6		
Mesaticéfalos (77,78 ——— 80,0)	8,4	41,26	37,9	
Braquicéfalos {	Sub-braquicéfalos (80,01 ——— 83,33)	—	5,42	11,5
	Braquic. verdadeiros (83,34 ——— x)	—		

bastante acentuado entre os nossos resultados e os apresentados pelo Prof. E. TAMAGNINI. As crianças braquicéfalas são ainda numerosas em relação aos adultos portugueses de E. TAMAGNINI, facto que possivelmente deve desaparecer na continuação do desenvolvimento.

Esperamos em breve apresentar alguns valores médios de crianças dos 14 aos 18 anos, que nos possam levar a concluir a evolução do índice através do crescimento.

CONCLUSÕES

Neste estudo que acabamos de apresentar, verificou-se um aumento dos valores médios dos diâmetros da cabeça com a idade, sendo mais acentuados no diâmetro ântero-posterior do que no diâmetro trans-

verso. Este aumento dá-se mais marcadamente dos 7 aos 9 anos inclusive, do que dos 10 aos 13 anos, tanto no diâmetro ântero-posterior como no diâmetro transverso.

Quando se compara a criança portuguesa com as dos outros países, vê-se que os nossos rapazes apresentam em todas as idades as médias dos diâmetros ântero-posteriores e transversos máximos da cabeça, mais aproximadas dos valores inferiores do que valores superiores, sendo estes registados pelos americanos e suíços no diâmetro ântero-posterior, e pelos alemães no diâmetro transverso.

Há uma acentuada aproximação em quase todas as idades, entre as médias dos rapazes portugueses e dos luso-descendentes do Brasil e dos de Nova Goa, sendo mais acentuadas no diâmetro ântero-posterior do que no diâmetro transverso.

Como conclusão sobre as variações do índice cefálico durante o crescimento, em rapazes portugueses dos 7 aos 13 anos, verificou-se uma descida dos valores médios do índice cefálico à medida que a idade sobe.

Em relação às crianças estrangeiras, as portuguesas são, entre todas aquelas, as que apresentam, nas diferentes idades, os índices mais baixos, encontrando-se os mais elevados duma maneira geral nos suíços.

Encontra-se ainda no desenvolvimento das crianças portuguesas, uma tendência para a dolicocefalia, facto que mais se acentuou quando comparamos as nossas crianças com as crianças europeias e americanas.

Estes resultados vêm confirmar os valores a que os Profs. A. MENDES CORRÊA e E. TAMAGNINI chegaram nos seus estudos em Portugal, do índice cefálico em adultos. Os portugueses logo a partir dos 10 anos começam a apresentar uma fraca braquicefalia, uma baixa de mesocefalia, para se tornar evidente a dolicocefalia que acaba por dominar.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES DOS SANTOS — *O crescimento da criança portuguesa*. «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», Ano IV, Coimbra, 1917.
- ATHAYDE, ALFREDO — *Nota sobre o crescimento dos Portugueses*. «Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», «Vol. VI, Fasc. II, Porto, 1933.
- BAER, MELVYN J. — *Dimensional changes in the human head and face in the third decade of life*. «American Journal of Physical Anthropology», vol. XIV, Philadelphia, 1956.

- BÜCHI, ERNEST C. — *Anthropologische Untersuchungen im Bervik Untertoggenburg*, Zürich, 1952.
- GOMAS, JOAN — *Morfologia Infantil (Crescimento)*, México, 1952.
- MABILLE, PIERRE — *Etude des caracteres generaux permettant de definir la morphologie individuelle*. «Anthropologie differentielle et Sciences des types constitutionnels. Congrès Genève, vol. II, Genève, 1954.
- MAIER, GEORG O. T. — *Anthropologische Untersuchungen im Bezirke Wolfstein des Bayrischen Waldes*. Zürich, 1938.
- MARTIN, R. — *Lehrbuch der Anthropologie*, Yena, 1928.
- MENDES CORRÊA, A. A. — *Contribuição para o estudo antropológico da população da Beira Alta*. «Anaes da Ac. Pol. do Porto», x, Coimbra, 1915.
- MENDES CORRÊA, A. A. — *Antropologia da Beira Alta*. Sep. de «O Instituto», vol. LXIV, n.º 6, Coimbra, 1917.
- MENDES CORRÊA, A. A. — *La minorité brachycéphale chez les Portugais et l'origine de la brachycéphalie*, 1928.
- MENDES CORRÊA, A. A. — *Raças do Império*, Porto, 1943.
- MORICE, TISSERAND, REBOUL — *Methodes statistiques en Médecine et en Biologie*, Paris, 1947.
- PETER, OTTO — *Anthropologische Untersuchungen im Senftal*, Zürich, 1946.
- POURCHET, M. J. — *Contribuição ao estudo antropológico de escolares descendentes de Portugueses*. «Bol. do Inst. de Pesquisas educacionais», Ano I, n.º 4, Rio de Janeiro, 1955.
- STALDER, MORITZ — *Spezifisches Gewicht und Körperproportionen von Schwimmern*. Zürich, 1947.
- TAMAGNINI, E. — *O índice cefálico e a estatura*. «Contribuição para o estudo da Anthropologia Portuguesa», vol. II, Fasc. 7.º, Coimbra, 1932.
- TOPINARD, P. — *Eléments d'Anthropologie générale*, Paris, 1885.